UNESP – Universidade Estadual Paulista
Programa de Pós-Graduação em Letras
Disciplina: Abordagens Críticas do Texto Literário
Discente: Thaís Freire Roberto

Análise de "Quantos filhos Natalina teve?" (Conceição Evaristo)

O conto "Quantos filhos Natalina teve?", escrito por Conceição Evaristo e publicado em 2014 dentro do volume Olhos D'Água, narra a história da protagonista Natalina e de quatro gravidezes pelas quais passou nos primeiros anos de sua juventude. A narrativa é escrita *in ultima res*, ou seja, se inicia com Natalina em sua quarta gestação e então passa a relatar as três gestações anteriores. A autora se utiliza de um narrador onisciente para contar da primeira gravidez, que aconteceu quando Natalina estava ainda por fazer catorze anos. Apesar de tentativas frustradas de promover o aborto da criança tomando chás, o filho nasceu e foi dado a uma enfermeira que quis adotar a criança. A segunda gravidez, assim como a primeira, apesar dos chás que tomava, resultou no nascimento de mais um menino, que foi deixado com o pai da criança. A terceira, no entanto, não foi acidental como as anteriores, nem tampouco foi da vontade de Natalina. O terceiro filho foi gerado para o casal para que Natalina trabalhava, que, frustrados por serem incapazes de ter um filho, pediram ajuda à empregada. O quarto filho gerado por Natalina, no entanto, foi o único que quis manter e criar como seu. Essa criança, diferentemente das duas primeiras que foram frutos de relacionamentos de Natalina, e da terceira que foi fruto de um acordo com os patrões, foi fruto de um violento ato de estupro que seguiu um sequestro por parte de homens que alegavam estar em busca do irmão de Natalina. A mulher, ao final do ato violento, puxa a arma que seu violador carregava e atira, matando-o e decidindo manter a criança que nasceria daquele acontecimento.

Desde o início do conto, a autora demonstra a complicada relação de Natalina com a gravidez através da linguagem que emprega. O primeiro parágrafo se inicia com "Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz.", se referindo à quarta gravidez da protagonista. Algumas linhas depois, no entanto, ao se referir à primeira gestação, a autora escreve "As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada, e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio.". Evaristo deixa claro para o leitor, logo de início, a diferença entre as primeiras gestações e a última para Natalina. Ao iniciar o conto, criamos uma imagem de uma mãe feliz, expressando seu amor e carinho pelo filho que carrega. Essa

imagem, no entanto, é rompida rapidamente quando a autora usa palavras como “troço” para se referir ao bebê, ou afirma que o coração de Natalina ficava “cheio de ódio”. Essa imagem de repulsa à criança é mantida ao longo do texto, com palavras como “coisa”, “aquilo”, e “estorvo” para se referir às crianças que Natalina gerara em sua vida.

O uso de uma linguagem que gera desconforto no leitor acontece do início ao fim do conto, a autora frequentemente usando de palavras agressivas, criando imagens violentas e grotescas conforme relata as experiências da protagonista. Isso acontece com a introdução da parteira Sá Praxedes que, segundo a crença dos outros personagens, come as crianças das mães que vão até ela buscando ajuda; acontece também quando a autora escreve “As regras desciam então copiosas como rios de sangue” ao relatar o alívio de Natalina ao saber que havia interrompido mais uma gravidez. Aqui, a escolha das palavras “rios de sangue” expande ainda mais as sensações do leitor. A palavra “rio” comumente nos remete ao movimento de correnteza da água, ao retorno da água ao mar, nos permitindo assim associar essa ideia de retorno ao princípio ao momento em que Natalina encerra mais uma gravidez. No entanto, ao contrário da sensação de calmaria que temos quando estamos em contato com um rio e o som constante do movimento da água, a autora nos faz imaginar um rio de sangue, representando o processo violento pelo qual o corpo da mulher passa ao se livrar de uma gestação. Assim, o sangue de Natalina anuncia o fim de mais uma gestação. O retorno ao seu estado natural.

As imagens criadas pelo texto não são todas violentas. Ao se referir à relação de outras mulheres com os filhos gerados por Natalina, a autora emprega termos que exprimem o amor materno dessas personagens, ao invés da indiferença com que Natalina olhava para os filhos. Essa imagem aparece no trecho “Lembrou da primeira criança que tivera e que nem tinha visto direito, pois fora direto para as mãos-coração da enfermeira que seria a mãe”, quando a autora utiliza da expressão “mãos-coração” para reforçar o amor da enfermeira pela criança. Imagem semelhante é criada no relato da terceira gravidez de Natalina, que aconteceu em decorrência de um acordo com sua patroa, que “almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança”. A imagem criada pelo emprego da flor nos remete à beleza e à pureza, ao nascimento e à transformação, ao desabrochar da vida. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 437) “a flor é o símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; a flor identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao estado edênico”.

Um dos temas mais presentes na narrativa é a dualidade entre vida e morte. Temos, já no nome da protagonista, uma referência ao nascimento, à natalidade. Temos o paradoxo da

ideia de uma mulher que teve quatro filhos, mas afirma ter sido mãe apenas uma vez. E, ao final do texto, somos colocados em confronto com essa dualidade: o filho que Natalina escolheu criar, a criança que afirma finalmente ser sua, só sua, nasceu de um ato de violência, no qual Natalina tira a vida de seu agressor, mas justamente através desse feito, se conecta à vida do feto dentro de si. O narrador nos expõe ao fato de que nenhuma das gestações anteriores de Natalina vieram de sua própria vontade. A primeira, se devia à descoberta dos prazeres do amigo de infância Bilico. A segunda, à vontade de Tonho de ser pai, que depositou sobre ela. A terceira, devia à vontade dos patrões de ter um filho. A última gravidez, devia aos desejos de violência do homem que a estuprou. Natalina escolhe, então, tomar a escolha do filho para si, através de uma "moeda bem valiosa". Ao matar a figura do pai da criança, "Natalina pensou estar se matando também" e finalmente teve "a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida".

Ao iniciar a leitura do conto de Evaristo, podemos ter uma certa expectativa de uma narrativa sobre maternidade, mas a autora, em toda a extensão do texto, quebra essa expectativa e tira o leitor de sua zona de conforto, seja pelo uso de uma linguagem tão simbólica quanto agressiva, pela criação de imagens muitas vezes violentas e grotescas, ou pelas contradições que somos convidados a observar ao longo da leitura.

Referências Bibliográficas

CHEVALIER, J.; ALAIN GHEERBRANT. **Dicionário de símbolos : mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio De Janeiro: J. Olympio, 2009.

Conceição Evaristo - Quantos filhos Natalina teve? - Literatura Afro-Brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/927-conceicao-evaristo-quantos-filhos-natalina-teve>. Acesso em: 7 abr. 2021.